

Coluna do Castello

A luta do PMDB para recompor a imagem

Chega a ser comovente o esforço de Ulysses Guimarães de recompor a imagem do PMDB e, juntamente com ela, a predisposição do eleitorado de retornar a uma antiga identificação com o partido e seu candidato, perdida ao longo da convivência íntima de ambos com o governo que veio a cair em desgraça perante a opinião pública. O programa de amanhã, do PMDB, elaborado sob intensa orientação técnica, será mais uma tentativa da campanha pela desvinculação do PMDB e de Ulysses do Palácio do Planalto, que continua a ser frequentado, para despachos, por alguns ministros que se mantêm filiados ao partido. O êxito desse esforço parece ser essencial para que o candidato peemedebista recupere sua esperança de vitória na luta para se assenhorear do governo na sucessão de Sarney. Vai ser difícil, no entanto, fazer com que se esqueçam anos de convivência do partido com o Palácio do Planalto, ao qual impunha ministros de Estado e do qual cobrava os compromissos que o falecido Tancredo Neves assumira com as bases, para compor a maioria do Colégio Eleitoral, que iria sufragar seu nome para presidente da República. As longas listas de nomeações a fazer, deixadas no espólio do malgrado presidente e atendidas por Sarney, deram uma idéia do apetite fisiológico de um partido empenhado, no entanto, na restauração do pacto democrático.



Empurrados pelas circunstâncias e pela rejeição popular ao governo para uma oposição tanto mais aguerrida quanto pouco convincente, o PMDB e seu candidato não conseguiram se recompor com a opinião nacional. As coisas ficam tanto mais difíceis quanto uma facção, desligada do partido-mãe, entrou na disputa com um candidato que repudiava os compromissos anteriores do PMDB, mas que soube ajustar-se ao momento e dessectarizar-se ao longo da campanha, não só alterando sua mensagem como escolhendo para companheiro de chapa um honrado, mas oriundo dos partidos que respaldaram o regime militar. Hoje, a impressão que domina os meios políticos é que uma eventual queda dos índices de preferência por Collor poderão beneficiar o senador Mário Covas e não o deputado Ulysses Guimarães, e precisamente porque o primeiro caiu na realidade enquanto o segundo dela mais se afastou.

Ulysses continua a crer na máquina partidária, na enorme estrutura nacional do PMDB,

a qual, uma vez mobilizada e azeitada, poderá lhe dar a margem de votos indispensável para chegar ao segundo turno, quando se tornaria uma opção irresistível no confronto, seja com Collor, seja com Brizola. As últimas pesquisas continuam a desestimular as esperanças do candidato do PMDB. Na verdade, a máquina do PMDB, mais do que em qualquer outro Estado, deveria ser muito forte em São Paulo. Ai ela elegeu os dois últimos governadores e os cinco últimos senadores, sagrando-se, portanto, em sucessivos pleitos majoritários. 1988, no entanto, apontou para a perda de prestígio dessa estrutura hoje comandada pelo governador Orestes Quêrcia, que faz o possível, mas não consegue fazer muito por seu candidato a presidente.

Pior do que em São Paulo, que lhe dá 3% das preferências de voto, Ulysses somente está no Rio, onde registra apenas 2% de opções. No seu Estado, no entanto, Collor teve 41% das preferências, Mário Covas 12%, Paulo Maluf 11%, Lula 9%. O candidato do PMDB iguala-se a Brizola, que ali tem seu pior resultado, e a Afif Domingos. É verdade que na Bahia, Pernambuco e Ceará, núcleos da região Nordeste, incluída na armação presidencial do PMDB, seu candidato situa-se com 11, 6 e 9%, coisa que lhe daria algum alento se os índices dos seus competidores não fossem muito melhores.

O comportamento do PMDB depois do Plano Cruzado, e antes, por seu oportunismo, não estimulou a imagem de uma agremiação associada a um desastre administrativo ao qual daria condições de longa vida ao votar na Constituinte pelos cinco anos de Sarney. Ulysses, político experiente, com boa legenda pessoal, está aparentemente sendo sacrificado por uma conjuntura desfavorável e possivelmente por opções não condizentes com os espaços que lhe estariam reservados nessa campanha sucessória. Espaços que Mário Covas, um dissidente do PMDB, poderá ocupar melhor do que a ortodoxia auto-proclamada passou a indicar como imperativos ao candidato cujos movimentos limitou com régua e compasso.

A gafe francesa

O governo francês está às voltas com manifestações de descontentamento em Paris com as festas de comemoração do bicentenário da Revolução Francesa. Entre os itens contestados está a realização da reunião de cúpula dos sete países ricos, com o conseqüente desprestígio dos 30 países pobres igualmente convidados para a festa. Os 30 presidentes pobres, entre os quais o do Brasil, jantarão na segunda-mesa como convidados do primeiro-ministro Rocard, enquanto o primeiro time sentará à mesa com o presidente Mitterrand.

Não se sabe se os presidentes dos países pobres foram avisados da situação, antes de aceitar o convite. Se foram avisados, ou não podem reclamar ou não deveriam ter aceito o convite. Esse é o sentimento que, no Brasil pelo menos, se generaliza.

Carlos Castello Branco